

Análises sobre menções ao ex-goleiro de futebol Moacyr Barbosa nos jornais de grande circulação em RJ e SP entre os anos 1950 a 2000

Zíbia Héllem Ferreira Emidio¹

Renato Cândido Lima²

Resumo

O estudo tem como objetivo analisar a imagem retratada pelos jornais de grande circulação nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo no período entre os anos de 1950 e 2000. A partir da derrota da seleção brasileira no final da Copa do Mundo em 1950, ocorrida no estádio do Maracanã, Barbosa foi estigmatizado como o principal responsável pelo revés do Brasil frente ao Uruguai. A pesquisa investiga como os jornais O Globo, Folha de São Paulo e o Estado de São Paulo retratam o goleiro ao longo das décadas, com foco nas mudanças de narrativas e tons editoriais - positivos, negativos ou neutros - a partir do levantamento em acervos digitais e análise do conteúdo jornalístico. A pesquisa também observa a importância da imprensa na manutenção dos estereótipos raciais no campo esportivo, ao mesmo tempo em que aponta tentativas tardias de uma ressignificação simbólica da imagem do atleta através de homenagens e produções midiáticas.

Palavras-chave

Goleiro; Moacyr Barbosa; Copa do Mundo de 1950; Imprensa Esportiva; Memória.

¹Estudante no curso de Bacharelado em Jornalismo na Faculdade Paulus de Comunicação (FAPCOM) e pesquisadora vinculada ao grupo de “Comunicação, Cultura e Identidade: Questões de Etnia, Raça e Gênero em processos comunicativos na contemporaneidade”. - zibia.hellem@gmail.com

² Professor Doutor Renato Cândido de Lima – Orientador da Iniciação Científica apresentada, professor da FAPCOM e coordenador do grupo “Comunicação, Cultura e Identidade: Questões de Etnia, Raça e Gênero em Processos Comunicativos na Contemporaneidade”. Renato Cândido de Lima

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga menções positivas, neutras e negativas sobre o ex-goleiro Moacyr Barbosa, a partir da década de 50 por meio de jornais da época. Negro e paulista de Campinas, Moacyr jogou no Vasco da Gama entre 1945 a 1955, voltando para o clube entre 1958 a 1961. Ele ficou muito conhecido pela derrota da seleção brasileira contra o Uruguai na Copa de 1950, evento que ficou conhecido como ‘Maracanazo’. Na ocasião, a seleção do Uruguai venceu a do Brasil com o placar de 2 a 1. Os jogadores daquela esquadra sofreram através das notícias dos jornais e principalmente no senso comum do povo, sendo observado que o Barbosa juntamente com o lateral-esquerdo Bigode, ambos jogadores negros, foram considerados culpados pela derrota da Seleção Canarinho e que no decorrer dos anos foram inocentados.

1.1 QUEM É BARBOSA?

O arqueiro Moacyr Barbosa do Nascimento nasceu em Campinas (SP) e começou a jogar como ponta direita para depois se tornar o tão famoso goleiro Barbosa. Iniciou sua carreira no futebol no Clube Atlético Ypiranga, time de São Paulo onde jogou de 1942 a 1944, onde um ano depois foi contratado pelo Club de Regatas do Vasco da Gama para ser seu goleiro. Assim que chegou no Vasco não pôde competir, devido uma série de fraturas que fez com que ele não pudesse participar de nenhuma partida em 1945 jogando apenas no ano seguinte, tornando-se assim, titular absoluto e defendendo o clube até 1955, retornando anos depois e permanecendo no clube entre 1958 a 1962, conquistando no total 16 títulos pelo Expresso da Vitória, apelido em que ficou conhecido o Vasco na época em que jogava. Algumas de suas muitas conquistas nas competições foram: os títulos o Campeonato Carioca por 6 vezes (1945, 1947, 1949, 1950, 1952 e 1958), o Torneio Relâmpago (1946), Torneio Municipal (1946 e 1947), Rio-São Paulo (1958), Sul-Americano dos Campeões (1948), dentre muitos outros.

Realizou feitos que foram considerados de grande importância para o futebol como o fato de jogar sem luvas, o que rendeu-lhe muitas lesões, além de ser o primeiro goleiro a defender a seleção brasileira com a camisa número 1, entre outros atos. Foi reconhecido, segundo a Federação Internacional de História e Estatísticas do Futebol (IFFHS) como o 3º melhor goleiro

brasileiro e, no século XX, como o 11º do mundo, avaliado também como um dos maiores goleiros do mundo entre as décadas de 1940 e 1950. Por conseguinte, foi também considerado um goleiro de alto nível com feitos extraordinários, como afirma o cronista Armando Nogueira sobre o modo de jogar do Barbosa:

Certamente, a criatura mais injustiçada na história do futebol brasileiro. Era um goleiro magistral. Fazia milagres, desviando de mão trocada bolas envenenadas. O gol de Ghiggia, na final da Copa de 50, caiu-lhe como uma maldição. E quanto mais vejo o lance, mais o absolvo (NOGUEIRA, 2021. Facha em todo lugar).

Na Seleção Brasileira de Futebol, ainda ligada a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), Moacyr Barbosa construiu sua carreira defendendo a meta de nossa seleção onde participou de muitas competições, vencendo muitas delas, como a Copa América em 1949, Copa Rio Branco de 1947 e 1950 e a Copa Roca de 1945. No entanto, Barbosa acabou desfrutando um gosto amargo na perda da Copa do Mundo de 1950 que ocorreu no Brasil. Criou-se nos torcedores e na imprensa brasileira uma grande felicidade e enorme expectativa de vitória fazendo com que eles considerassem esta edição da Copa já ganha ou vencida, principalmente depois de ter derrotado a Suécia por 7 a 1 e Espanha por 6 a 1 no quadrangular anterior. Este fato, juntamente com o avanço de nossa seleção para a quadrangular final, acabou resultando em muitas manchetes esperançosas nos mais diversos jornais do Brasil. Mas todas as enormes expectativas se desfizeram ao chegar no término do jogo contra a Seleção do Uruguai, com um resultado não esperado e desejado. A tristeza tanto dos brasileiros que lotaram o estádio do Maracanã quanto dos que acompanhavam nos quatro cantos do país veio com a derrota dentro de campo por 2 a 1 para o Uruguai, fazendo com que a imprensa, dirigentes e torcedores culpassem o goleiro Barbosa, o lateral esquerdo João Ferreira “Bigode” e o zagueiro Juvenal Amarijo pela derrota da Seleção, conhecida como “Maracanazo”.

Com tudo isso, criou-se uma narrativa em que o goleiro Moacyr era o principal culpado e responsável pelo fracasso da seleção na final, trazendo-o diversificadas críticas que giram em torno do ódio e preconceitos, gerando assim acusações como a de ‘Bode Expiatório’ por supor que ele não defendeu o gol de forma proposital. Apesar de fazer mais de 70 anos dessa polêmica final, o Barbosa continuou sendo crucificado até o dia da sua morte em 7 de abril de 2000, com os tais discursos, ações e falas, levando o mesmo a afirmar que no Brasil a pena máxima é de 30 anos, mas que o mesmo pagou a vida inteira por causa de uma derrota, demonstrando assim, a sua revolta e tristeza com o ocorrido.

Seu último jogo pela Seleção Brasileira foi em 1953, quando foi convocado para jogar a Copa América, defendendo o jogo contra o Equador. Estava previsto Moacyr jogar a Copa do Mundo de 1954 na Suíça, mas no ano anterior se lesionou enquanto jogava uma partida de futebol o impedindo de jogá-la, sendo assim, aposentou-se em 1962 aos 42 anos de idade. Moacyr Barbosa construiu e viveu o auge de sua carreira no clube cruzmaltino - como também é conhecido o time do Vasco, onde foi considerado por todos ídolo do clube, recebendo no ano de 2021 por meio de votação popular uma homenagem com a nova escolha de nome do “Centro de Treinamento do Vasco” para ‘CT Moacyr Barbosa’, sendo eternizado com uma pintura no muro em São Januário pelo projeto NegroMuro e ganhando também uma estátua em Santos do escultor Laércio Alves.

Figura 1 - Fotografia do grafite feito no CT do Vasco em São Januário.



Fonte: NegroMuro, 11/08/2021.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

O período histórico analisado foi entre os anos de 1950 a 2000, tendo como evento histórico chave o início da Copa do Mundo de 1950 que aconteceu no Brasil, e que marcou bastante o Moacyr Barbosa que foi grandemente envolvido com o seu nome. No fim, os anos 2000 que foi marcado pelo falecimento do ídolo e arqueiro brasileiro. O intervalo entre os anos estudados possibilitaram observar e evidenciar menções a Barbosa tal como a evolução do que foi escrito sobre o goleiro e a construção/transformação da sua imagem pelos jornais.

A busca por menções a Moacyr Barbosa foram realizadas por meio de acervos digitais com os sites dos jornais *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo* e *O Globo*. Foram realizadas buscas através de palavras-chaves como “Moacyr Barbosa” em diferentes variações ortográficas, datas específicas como por exemplo “16 de julho de 1950” data em que aconteceu a partida e filtros aplicados. As procura abrangeram publicações dos jornais entre 1950 a 2000, enquanto os resultados foram organizados classificando as menções sobre Barbosa de forma positivas, neutras ou negativas. Nos casos analisados do capítulo a seguir, as notícias foram transcritas conforme a grafia e os erros ortográficos da época.

3. MENÇÕES SOBRE O MOACIR BARBOSA

Figura 2 - Imagem registrada pela autora, de portais de notícias que publicaram sobre a derrota do Brasil na Copa de 1950.



Fonte: Jornal ‘O Globo’, 17/07/1950.

Transcrição: “OS BRASILEIROS ESQUECERAM-SE QUE ESTAVAM DISPUTANDO UMA COPA DO MUNDO”

Nada, palavra alguma, expressão nenhuma, reproduz exata e fielmente o que foi o reservado dos brasileiros, uma vez terminada a batalha que decidiu a posse do troféu Jules Rimet. Só mesmo vendo, só mesmo diante dos fatos, da eloquencia dos sentimentos e das lágrimas, poderse-ia constatar, pesar e medir, o grau das ocorrências que coroaram o fim de tarde no Maracanã.

Aliás, antes de lá chegarem, antes de atingirem a realidade do silencio e dos soluços, já os cracks nacionais pareciam verdadeiros autômatos. Como que caminhavam tropeicamente, perdidamente, aereamente. Pois bastava aparecer um contrário, um vencedor uruguai mal com o seu clássico abraço de triunfador, com o seu "muchas gracias" de alvos dentes à mostra, para surgir a devolução. Para surgir outro abraço, ainda que confuso, assim meio inexpressivo e sonâmbulo como eram, de fato os abraços dos nossos.

Depois, eles foram saindo - os nossos. Os uruguaios, não. Os uruguaios foram ficando na expectativa do melhor, da entrega da taça - o ápice, o “clímax”.

LÁGRIMAS, LÁGRIMAS LÁGRIMAS

O último a deixar o campo foi Danilo e foi ele também o último a ganhar o vestiário. Chegou tarde, foi chegando aos poucos, arrastando-se pelo corredor escuro do longo e silencioso túnel. Danilo andava sem rumo, funebremente, andando e parando. De quando em quando parava para estregar os olhos, para olhar outra vez o espaço. Ai, então, punha-se a caminhar novamente, vagamente, perdidamente. E vendo-nos, não teve senão estas palavras:

- Foi uma desgraça! Por Deus que ainda não comprehendi como isso nos sucedeu. Quisera que a terra se abrisse e me tragasse de uma vez!
- Mas você não jogou tão mal assim, Danilo - objeta-mos.
- Eu queria ter jogado abaixo da crítica. Queria ter sido o pior do campo, o zero do team, contanto que o Brasil vencesse!

Nessa notícia, com escrita de forma idêntica ao do jornalismo literário, é possível vislumbrar que o repórter que a escreveu demonstrava grande indignação com a derrota do Brasil, indicando repetidamente ao decorrer da matéria que os mesmos não poderiam ter perdido a partida, consequentemente perdendo a final e a taça Jules Rimet. Além disso, não existe menção direta ao Barbosa, mas se é posto que o clima dentro e fora do vestiário era bastante pesado, assim como, que o Bigode assumiu a culpa pela derrota da seleção brasileira. Com isso, posicionando Barbosa e Bigode - uns dos poucos jogadores negros - como bodes expiatórios, eternizando um estigma enorme com o racismo no meio futebolístico.

Figura 3 - Imagem registrada pela autora, de portais de notícias que publicaram sobre a derrota do Brasil na Copa de 1950.

Fonte: Jornal 'O Globo', 18/04/1959.

Transcrição: As Esperanças de Pinga e Barbosa

O veterano Moacir Barbosa, enquanto seus companheiros faziam ginástica, empenhava seus colegas de posição, procurando ensinar-lhes os segredos que o tornaram um dos maiores arqueiros do País. Aproveitamos uma paralisação do exercício, para ouvir o veterano e sempre eficiente jogador, sóbre o prélío com o Palmeiras.

- Estou acostumado com ésses jogos e sei que a jornada será difícil. Entretanto, com tranquilidade e disposição tudo sairá bem para as nossas côres. Não é nada, não é nada, enfrentaremos um dos líderes do Rio-São Paulo...

- Já está pensando em parar?

- Jogarei até o fim dêste ano. Mas, mesmo depois de descalçar as chuteiras, continuarei vindo a São Januário, a fim de estimular os novos arqueiros da equipe. Farei isto pelo Vasco da Gama, e acho que será pouco, pois o clube merece muito mais — finalizou Barbosa.

Nessa altura, Pelegrini encerrava a ginástica e os jogadores dirigiam-se ao bebedouro. Aproximamo-nos do ponteiro Pinga e perguntamos:

— O quê está faltando ao Vasco para vencer o torneio?

— “Goala”! — respondeu o ponteiro —. Eles andam muito difíceis para o nosso lado, mas as coisas vão mudar...

— Contra o Palmeiras?

— Espero que sim. Nossa quadra, agora, vai atuar completo, o que aumenta muito a possibilidade de conquistarmos a primeira vitória no Rio-São Paulo.

Na matéria acima é possível constatar excertos positivos em relação ao goleiro estudado, ao contrário daquele que está acima, a mesma possui escrita semelhante a de uma breve entrevista de formato *ping pong*³. Nesta reportagem é possível observar trechos como: “um dos maiores arqueiros do país” e “sempre eficiente jogador” que atuam diretamente como elogios referentes ao Barbosa. Este momento situa-se no ano de 1959 e o próprio arqueiro declara que pretendia se aposentar no fim do ano, assim como menciona que após a sua aposentadoria continuaria indo

³ Estilo de notícia jornalística em que é realizada uma pergunta e em seguida a mesma é respondida e por assim vai continuamente e com tempo de curta duração.

para São Januário, local onde se localiza o clube cruzmaltino⁴, motivar os goleiros, assim como expõe que a realização de tal ato ainda não seria o suficiente para o clube.

Figura 4 - Imagem registrada pela autora, de portais de notícias que publicaram sobre a derrota do Brasil na Copa de 1950.



Fonte: Jornal 'O Globo', 25/02/1966.

⁴ Refere-se ao torcedor do Club de Regatas Vasco da Gama devido ao símbolo da Cruz de Malta, símbolo que está associado ao clube.

Transcrição: BARBOSA NÃO GUARDA TRISTEZA DE 1950 E CRÊ QUE O BRASIL VAI TER NOVA ALEGRIA EM 1966

Moacir Barbosa — o sempre lembrado Barbosa, dono de uma época no futebol nacional e o goleiro menos vazado da IV Taça do Mundo — recorda que o Brasil perdeu o título de 1950 por vários motivos, mas que ele resume num só:

— A subestimação. A maioria preferiu não acreditar nos uruguaios. Na antevéspera direção do Cineae nos mandou permanentes com os dizeres “Ao campeão mundial”... Na véspera, deixando o ambiente calmo do Joá, vivemos horas de verdadeiro inferno em São Januário, onde a concentração foi tomada de assalto por políticos interessados em tirar proveito da situação. No dia do jogo, em plena hora do almoço, a tranquilidade continuava com discursos de candidatos, entre os quais Cristiano Machado e Ademar de Barros, que disputavam a Presidência da República. Por fim, restou-nos o consôlo de uma lição bem aprendida, embora com atraso.

Esmiuçando outros pontos negativos da reta final do “serateh” em 1950. Barbosa lembra que não faltou fibra aos companheiros:

*- Não tivemos, sim, uma preparação psicológica adequada, pois todos preferiram “mascarar” a seleção, inclusive a imprensa e o rádio. Cor poucas exceções, os ânimos da ocasião eram excessivos, valendo relembrar as campanhas dirigidas através do rádio pelo falecido Ari Barroso, dos muitos que não admiram a perda do título. Oduvald Cozi, outro locutor famoso da época, procurou ser diferente e dar outra orientação, enquanto Ricardo Serran fazia o mesmo nas páginas de *O GLOBO*, caindo na simpatia e admiração de todos os jogadores da seleção, como, acredito que aconteça até agora, pois sinto que sua linha de conduta permanece inalterável. Consulte a coleção de *O GLOBO* para saber como Serran, muito antes, alertava sobre o perigo que representavam os uruguaios.*

O Exemplo de 49

Barbosa até hoje ainda pensa que os jogadores de 1950 seriam relegados a

plano secundário se o Brasil fôsse campeão do mundo, pois os políticos também se julgavam donos da seleção:

- Principalmente o pessoal do PSD, que era o forte da época, parecia comandar o selecionado, pelo menos com influência das maiores sobre nossos movimentos fora de campo. A mudança de nossa concentração para São Januário nunca foi bem explicada e muito menos soubemos entender, mas afinal compreendemos que saímos do Joá por interesse de políticos.

O tapa de Obdúlio em Bigode, a tremedeira quando o Uruguai empatou e a falta de disposição para reagir depois que Gighia marcou, são pontos que Barbosa nega com frieza:

— Só se tivéssemos sangue de barata poderíamos assistir Obdúlio esbofetear Bigode sem nenhuma reação. Nossa revide seria imediato, como maim que sofremos o “goal”. Mas os uruguaios estavam firmes e não ligaram para o nosso ímpeto. Juro por Deus como se houvesse outro jôgo com êles nós venceríamos de goleada. Assim foi em 1949 quando na última partida com o Paraguai fomos surpreendidos e perdemos por 2x1, placar que representa um detalhe importante, 48 horas depois voltamos a campo e perdemos por 7x0 com um “show” de bola inesquecível em São Januário. Digo ainda que perdemos em 1950 porque ficamos traumatizados com a reviravolta uruguaia, nós e o público que só estava preparado para a vitória. Foi como se uma multidão partisse para um palácio a fim de ver a coroação do rei e lá chegando encontrasse o rei morto.

— Deveria a seleção ter jogado para o empate?

— Seria uma temeridade e ao mesmo tempo uma covardia de um quadro que estava no ponto exato e só vencia de goleada. Depois que marcamos 7x1 sobre a Suécia e 6x1 sobre a Espanha, ficou a impressão que o Uruguai não nos faria frente. Esqueceram-se que futebol é jôgo com 11 de cada lado.

A História do “Goal”

Barbosa diz que não se sente diminuído nem aborrecendo quando relembra sua única passagem por uma Taça do Mundo:

— *Não fico triste nem mesmo quando sei que já me acusaram de ter falhado no lance decisivo. A história do “goal” de Gighia cada um conta de um jeito, à sua moda e até hoje as explicações são as mais diversas. O que me entristece é saber que os locutores só se lembram disso para chamar aquela trave que fica à direita da tribuna de honra de “O lado do “goal” de Gighia”. Por que não mudam para “O “goal” de Didi” se foi naquele mesmo lado que ele lançou a “folha seca” e classificou o Brasil para a Taça de 1938, no 1x0 contra o Peru? Sinceramente, esperava que Gighia cruzasse e nunca chutasse a bola para a meia. Mas depois desse vi tantos outros iguais, como por exemplo o de Amarildo contra a Tcheco-Eslováquia na Taça de 1962. O assunto é longo e inesgotável, mas por mais que se explique nunca se apagara a impressão que ficou, de que falhei no “goal” de Gighia.*

O arqueiro também contesta que Flávio Costa tenha pedido a Bigode para marcar Gighia à distância e faz a defesa do técnico:

— *Flávio sempre foi um homem de pulso e se houve bagunça na concentração a culpa não foi dêle. Com energia, afastou o público e mandou fechar os portões de São Januário. No Maracanã só permitiu a entrada do presidente da CBD no vestiário o apenas falecido Mário Polo soube das instruções que nos transmitiu antes do jogo final. Pediu-nos serenidade e que não jogássemos deslealmente para que o brilho do espetáculo fosse mantido. Nada recomendou a Bigode, pois falou igualmente a todos e pediu empenho acima de tudo. Cada um de nós jogou o que sabia e se não ganhamos o título foi por culpa do destino. Flávio manteve-se calmo, até mesmo depois da derrota.*

Uma nova alegria

Com os olhos bem abertos, Barbosa contempla a placa com a Jules Rimet gravada no quadro de honra dos campeões mundiais no saguão do Maracanã, José Santos faz a foto e o craque de ontem fala do futebol de hoje.

— *Creio que a seleção de 1966 proporcionará uma nova alegria ao futebol brasileiro, mas tenho quase certeza que as dificuldades serão cem vezes maiores, a começar pela violência dos nossos adversários. Quero crer que já exista um planejamento geral contra o Brasil, mas*

não faço uma afirmação dessa natureza por julgá-la gravíssima. Na minha opinião o selecionado nacional já deveria estar em preparativos.

— *No seu tempo já havia os famosos “urubus”?*

— *Eles existirão sempre. E como atrapalham a seleção e influem negativamente nos jogadores, principalmente nos que se estão iniciando! Mas é possível que desistam finalmente quando o Brasil voltar tricampeão.*

— *Qual sua maior alegria?*

— *A conquista do torneio dos campeões sul-americanos em 1948, no Chile, foi meu maior feito como defensor do Vasco.*

— *A maior tristeza foi a perda de 1950?*

— *Não guardo mágoas porque tenho a consciência tranquila, certo de que cumpri minha obrigação e que não perdi sozinho a Taça.*

— *A quem deveu sua carreira?*

— *A Flávio Costa, com quem trabalhei a maior parte de minha vida esportiva. Um grande técnico e um exemplo de disciplinador.*

— *Qual o melhor de sua posição?*

— *De Baini a Castilho vi muitos goleiros espetaculares. Atualmente Manga é, a meu ver, o que reúne maiores “chances” para a seleção.*

— *E atacantes?*

— *Antes de Pelé, Leônidas, Ademir, Héleno de Freitas, entre outros.*

— *Ganhou muitos títulos?*

— *No Vasco fui campeão em 45, 47, 49, 52 e 58, além de ter sido bicampeão de aspirantes, no final da carreira, em 60-61.*

Em quantos clubes atuou?

— *Vim do Ipiranga de São Paulo para o Vasco, onde joguei 18 anos – sendo 14 ininterruptos – passando depois pelo Bonsucesso e Santa Cruz de Recife, até encerrar minha carreira em 1962 no Campo Grande, após 25 anos de atividade.*

— *Quantos “goals” sofreu no Mundial de 50.*

— Apenas seis. Dois da Suíça, um da Suécia, um da Espanha e os dois do Uruguai.

— Ficou rico com o futebol?

— De dinheiro, não, mas as amizades que fiz não se compararam a nenhuma fortuna que pudesse ter ganho jogando bola. O exemplo mais significativo foi quando quebrei a perna em 54, num lance casual com Zezinho, do Botafogo. Desde então pude avaliar a admiração, a simpatia e o respeito que me dedicavam todos os torcedores.

A escrita seguinte exprime um conteúdo neutro, sendo assim, é inexistente a presença de sentimentos, abstendo-se assim de escolher uma posição e sendo a imparcialidade um quesito importante no jornalismo.

Observando sobre tais decisões ocorridas, há a possibilidade do tempo ser um auxiliar dos sentimentos dirigidos ao goleiro, ou seja, quanto mais próximo o ano em que foi escrita a matéria referente ao ano de 1950 - no qual aconteceu a quadrangular final da Copa do Mundo - se tem a presença de sentimentos mais fortes, como a raiva. Já quanto mais tempo passado da partida foi se deixando esses sentimentos de lado e começaram a ser encarados os fatos, sendo notório que a culpa não foi de uma ou duas pessoas específicas - Barbosa e Bigode - mas sim do time como conjunto.

4. TABELA DE MENÇÕES

A tabela a seguir mostra diversas matérias jornalísticas impressas no qual foram encontradas menções ao goleiro Moacyr Barbosa. As informações foram divididas em quatro colunas nomeadas por, título/manchete, ano, jornal e menção, onde é possível observar de maneira mais completa os resultados sobre as abordagens e seus respectivos conteúdos.

TÍTULO/MANCHETE	ANO	JORNAL	MENÇÃO
“Os Brasileiros Esqueceram-se Que Estavam Disputando Uma Copa Do Mundo”	1950	O Globo	Negativo
“Vitória do coração - Atuação dos teams uruguaios e brasileiros”	1950	O Globo	Neutro
“O nosso team voltou a render bem, no ataque e na defesa”	1953	O Globo	Positiva
“O drama de Barbosa”	1953	O Globo	Neutro
“Barbosa entre companheiros”	1953	O Globo	Neutro
“O reinício do campeonato da cidade”	1958	O Globo	Neutro
“Cabeção para o Vasco”	1958	O Globo	Neutro
“Entre Hélio e Barbosa, o arco do vasco”	1958	O Globo	Neutro
“Em ação a força máxima do Vasco - As esperanças de Pinga e Barbosa”	1959	O Globo	Positiva

“Biografia dos campeões”	1959	O Globo	Neutro
“Barbosa não guarda tristeza de 1950 e crê que o Brasil vai ter nova alegria em 1966”	1966	O Globo	Neutro
“Barbosa vai assessorar Lorenzi na Portuguesa”	1966	O Globo	Neutro

Nas décadas de 1950 a 1960 é possível observar que os jornais com menções ao Barbosa são mais numerosos. Dentre eles, possuindo somente um negativo que foi logo após o jogo da derrota do Brasil X Uruguai, ou seja, a culpa pela derrota da seleção foi jogada no Moacyr, o responsabilizando pelo resultado do placar.

Entre os anos de 1970 a 1980 não foram encontradas nos jornais menções com o nome do goleiro, sendo perceptível observar as quedas nas matérias que o envolvam.

Nos decênios de 1990 a 2000, não foram identificadas citações ao goleiro Barbosa nos jornais estudados da presente iniciação científica. Existem poucas menções em sites, mídias sociais e programas em relação ao arqueiro, mas as que existem possibilitam a constatação de uma mudança de comportamento em relação a quem foi o culpado pela derrota do jogo, inocentando-o, e assim também funcionando como desagravo e retomada do Barbosa, mas dessa vez como uma figura histórica no futebol brasileiro.

Na tabela, ficaram ausentes as menções sobre o Moacyr Barbosa nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* nos anos pesquisados. As principais menções, ainda que negativas, foram somente encontradas em notícias com citações direcionadas à Seleção Brasileira de maneira geral quando o tema da notícia se referiu ao jogo da Copa do Mundo de 1950; não se expiando em algum jogador em específico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que o goleiro Barbosa foi, em grande parte, silenciado ou negligenciado pela mídia bem como pelas instituições esportivas mesmo após sua morte no ano 2000. No entanto, a imprensa de modo geral dentro dos parâmetros observados, não necessariamente contribuiu para que o arqueiro Barbosa fosse execrado e detestado pela população brasileira, pois as notícias encontradas em que possuem menções negativas não foram agressivas e sendo direcionadas somente sobre o goleiro estudado.

Na década de 90, obtido por uma noção de passar dos 40 anos da final do Uruguai, existiram neste período algumas produções televisivas esportivas que realizaram mini documentários e documentários televisivos sobre Moacyr Barbosa, como por exemplo o “Grandes Momentos do Esporte” - um programa de televisão da emissora TV Cultura que fez em 1993 um episódio denominado ‘Barbosa - A Final da Copa 50 e a Carreira Pós Copa’. Neste programa, é contada brevemente a história de como foi a Copa de 50, as esperanças dos brasileiros com o jogo final contra o Uruguai e principalmente sobre como o ponto de vista de Barbosa sobre tudo que ocorreu. O programa ainda traz as reações de torcedores na época e como Barbosa teve que lidar com este luto coletivo futebolístico.

Todos os documentários e programas desta época realizaram desagravo a Moacyr Barbosa. Assim, entende-se que talvez a imprensa, de modo geral, possuiu um papel significativo na tentativa de contribuir para uma exaltação ao jogador, em uma atitude que talvez possa ser expressa como anti-racista. Por outro lado, tal ação também se torna contraditória, pois o jornalismo ainda é um meio de comunicação que historicamente foi e continua sendo racista por diversas formas de incriminar o homem negro.

Durante a realização da pesquisa, foi observado que existiram poucas menções e citações em relação ao Moacyr Barbosa quando o mesmo veio a falecer devido a uma parada cardiorrespiratória após pioras do seu quadro Acidente Vascular Cerebral - AVC. Da mesma maneira, foi difícil encontrar por meio de notícias, textos ou mídias sociais, memórias sobre o ex-árquero. Consequentemente não mais lembrado pela sociedade, como também esquecido

pelos clubes e seleção nos quais jogou, reforçando o esquecimento sobre a história de um homem negro que serviu a Seleção Brasileira.

Pode-se concluir que o caso de Moacyr Barbosa reflete não apenas uma narrativa esportiva traumática, mas também uma estrutura comunicacional permeada por racismo e apagamento da memória de atletas negros.

6. REFERÊNCIAS

FOLHA DE S.PAULO (São Paulo). **Acervo digital**. São Paulo: Grupo Folha. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

HARTMANN, Matheus. **100 anos de Barbosa, o goleiro injustiçado. Facha em todo lugar**, 2021. Disponível em: [Museu do Futebol. **Tempo de Reação - 100 anos do goleiro Barbosa. Google Arts & Culture**, 2022. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/tempo-de-re%C3%A3o%C3%A3o-100-anos-do-goleiro-barbosa/YQXxtSPhhR7Eg?hl=pt-BR>. Acesso em: 26 abr. 2025.](https://emtodorolugar.facha.edu.br/2021/03/25/100-anos-de-barbosa-o-goleiro-injusticado/#:~:text=%E2%80%9CSegundo%20o%20falecido%20cronista%20Armando,caiu%2Dlhe%20como%20uma%20maldi%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 26 abr. 2025.</p></div><div data-bbox=)

MUYLAERT, Roberto. **Barbosa: Um gol faz cinquenta anos**. São Paulo: RCM Comunicação, 2000.

O ESTADO DE S. PAULO (São Paulo). **Acervo digital**. São Paulo: Grupo Estado. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/>. Acesso em: 22 out. 2024.

O GLOBO (Rio de Janeiro). **Acervo digital**. Rio de Janeiro: Infoglobo. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/>. Acesso em: 12 abr. 2025

SANTANA, Jorge. **Desculpas, meu ídolo Barbosa**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2022.